

2024/1 Aula de formação SE

Atividade linha da vida

NOME	TURMA
Lucas Sampaio de Lucena	1CCO

Linha da Vida

Nascimento aos 7 anos

Bem, não lembro de nada sobre meu nascimento. Tenho poucas memórias da minha infância. Alguns sentimentos vagos, como a liberdade de correr pelo quintal da minha avó com meus primos. Naquela época, morávamos no mesmo quintal, minha família, a família do meu primo, a minha avó e meu avô. Passava boa parte do tempo brincando com meu primo, ele era como um irmão para mim, naquela época ainda não tinha irmão.

A única memória que tenho da época, é uma memória traumática do meu 1º tombo de bicicleta. Talvez seja por conta dessa memória que não consigo recordar muito bem de outros eventos. Essa recordação em especial, é muito vívida em minhas lembranças, embora distorcida. Lembro de estar no corredor de casa em cima de uma bicicleta, era nova e eu queria aprender a andar sem rodinhas. Tinha meus 4 anos. Uma pedala e a bicicleta começa a balançar, outra pedalada e perco o equilíbrio. Sinto a bicicleta caindo e, nesse momento, era como se a bicicleta tivesse 2 metros. A bicicleta cai sobre mim. Para ser sincero, não foi nada grave. Mas me recordo que entrei em desespero na hora e nunca me esqueci do evento. Por um bom tempo, não quis saber mais de bicicleta.

Minha próxima memória desse período é uma memória mais alegre, receber a notícia sobre a gravidez da minha mãe foi algo incrível para mim. Embora tenha ficado meio decepcionado por querer uma irmã, não trocaria meu irmão por nada, a partir do momento em que tive a consciência de que seria irmão mais velho, tentei ao máximo parecer um bom exemplo.

8 anos aos 14 anos

Depois da notícia da gravidez, nos mudamos para outra casa. Como a família iria crescer, precisávamos de mais espaço. Ao nos mudarmos, meu contato com meu primo ficou menor, foi triste deixar de vê-lo todos os dias. Mas, ainda assim, a ideia de uma mudança me entusiasmava. Quando entrei na casa pela primeira vez, ela estava vazia, sem móveis. E, uma de minhas memórias mais alegres desse primeiro encontro, é sair correndo pela casa gritando “eco!”.

Pouco tempo depois dessa visita, meu irmão nasce. Foi uma experiência única. Lembro de ter ficado decepcionado com o fato de não poder levá-lo para casa no primeiro dia. Lembro de toda a família no hospital para vê-lo. Lembro de meu avô gravando tudo, como todos reagiam a chegada dele, meus pais e até a primeira vez que peguei ele no colo. Mas, no final, descobrimos que a câmera não estava gravando. É uma memória divertida.

Outro evento que me recordo é a morte de um dos meus jabutis, tinha dois. Para ser bem sincero, eu não gostava tanto dele. Achava jabutis chatos. Eles não faziam nada e eu ainda tinha a tarefa de alimentá-los todos os dias. Mas foi um evento muito marcante para mim. Foi o primeiro contato direto que eu tive com a morte. Certo dia, fui alimentar o jabuti. Ele estava muito parado. Peguei ele na mão para movê-lo até a comida e, quando reparei, diversas formigas saíam do olho dele. Tive muitos pesadelos com isso e comecei a encarar a morte como uma coisa mais real.

No ano seguinte mudei de escola. Foi uma experiência boa. Eu iria me transferir para uma escola distante. Pouco mais de 1 hora a trem. Para uma criança de 13 anos, foi um evento muito significativo. Durante o primeiro ano, eu ia para escola acompanhado de meu primo mais velho. Depois, ele mudou de escola e eu passei a ir sozinho. Me fazia sentir um pouco mais responsável. Sempre gostei de estudar longe. Gosto do momento sozinho que tenho no caminho.

Mal comecei na escola nova e ganhei uma medalha nas Olimpíadas Brasileiras de Matemática (OBMEP), o que me deu um grande título de “CDF” na escola nova. Só ganhei a medalha uma vez. As vezes sinto certo peso por ter ganho essa condecoração. Meus pais são exigentes, o que não é ruim, mas tenho medo de colocar meu irmão sobre grande pressão. Não quero que ele viva sobre a minha sombra. E, às vezes, meus pais projetam o que eu conquistei sobre meu irmão. Sempre quis ser um modelo para ele, mas não um modelo imposto.

Em meio a tanta pressão, sempre me apoiei a minha religião. Ir à igreja sempre me trouxe conforto. Certo dia, me convidarão para fazer uma peça na igreja, no congresso de jovens. Executar essa peça, com sucesso, foi uma grande conquista para mim. Eu amei atuar. O nervosismo antes do início, o alívio quando tudo terminou bem e a sensação de “dever cumprido” foram incríveis. Nunca vou me esquecer daquela peça.

E, por fim, uma das minhas maiores conquistas nesse período, foi aprender a nadar. Sempre gostei de água e da calmaria que ela passa. Mas nunca aprendi a nadar. Em todas as férias minha família viajava, costumeiramente para um lugar com piscina. Foi uma grande conquista quando, depois de diversas viagens, finalmente consegui nadar.

15 anos aos 21 anos

Após aprender a nadar, decidi enfrentar um de meus maiores traumas, a bicicleta. Depois do tombo aos 4 anos, nunca mais toquei em uma bicicleta. Me aterrorizava ficar sem equilíbrio sobre ela. Mas, em umas férias, decidi enfrentar esse medo. Foi difícil. Cai diversas vezes. Porém, depois de algumas horas, dei minhas primeiras pedaladas sem que a bicicleta tremesse. Lembro desse dia com carinho. Sempre que passo por um grande problema, lembro da bicicleta. Lembro como ela parecia imensa e indomável. E, ainda assim, hoje sei andar nela.

Depois da bicicleta tive outra grande conquista, passei na ETEC. A animação de meus pais foi contagiante. Perdi algumas horas de sono antes do meu primeiro dia de aula, mas foi um dos lugares que me proporcionou mais crescimento. Lá fiz a minha primeira calculadora em Java, conheci muitos amigos e conheci a programação e a TI. Foi naquele lugar que decidi seguir na área. Se não tivesse me formado na ETEC Camargo Aranha, não sei onde estaria hoje.

Além da ETEC, também me formei em um curso de inglês no CNA. Foram 5 anos estudando aos sábados. Me desgastei muito para conseguir acompanhar tudo, mas consegui. Ao final do curso, a instituição fornecia um simulado da prova de Cambridge. Caso o aluno tirasse pelo menos um nível B1, o CNA pagaria pela prova oficial. Sempre me garanti no inglês. Era o melhor da turma. E, por conta de tudo isso, foi um grande baque não passar no simulado. Foi difícil superar esse problema, me sentia muito “pequeno”. Ao final do ano, a instituição forneceu uma segunda tentativa. Me parecia algo impossível, não tinha confiança. Mas refiz o simulado. Com a bicicleta em mente, passei por essa adversidade que parecia enorme. Consegui passar no simulado e fiz a prova de Cambridge. Consegui bons resultados. Um tempo depois, o CNA chegou a entrar em contato oferecendo uma vaga como professor de inglês, acabei rejeitando, era época de TCC e eu precisava me focar para entregar um bom projeto.

Também foi nesse período que tive minha primeira “experiência profissional”. Me voluntariei a ir “trabalhar” na oficina do meu pai, como atendente. A pessoa que trabalhava lá havia pedido demissão. Eu precisava de um notebook, mas não queria só pedir um para meus pais. Nunca gostei de pedir. Então, me voluntariei para juntar um salário e contribuir com parte do valor. No final, meu pai não aceitou a minha contribuição. Ele disse que iria comprar, falou para eu aproveitar o meu primeiro salário.